

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 49, n. 2, julho-dezembro 2019 e35887

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2019.2.35887>

DOSSIÊ: SANTIDADE E RESPONSABILIDADE PÚBLICA

A Compreensão e a Vivência da Santidade em Dom Helder Camara Breves apontamentos

The Understanding And The Experience Of Holiness In Monsignor Helder Câmara
Brief notes

Ivanir Antonio Rampon¹

RESUMO:

O artigo quer ressaltar que Dom Helder Camara viveu profundamente a santidade, ou seja, ele permitiu que a graça santificante conferida no sacramento do Batismo (e da Ordem) produzisse nele bons frutos para a Igreja e para a humanidade. Depois de observar que Dom Helder zelava pela santidade da “família humana”, mantendo amizades com “santos da terra” e com “santos do céu”, e de mostrar que, ao longo de seu desenvolvimento espiritual, amadureceu a compreensão de santidade, o texto aponta para algumas das principais características da santidade do Servo de Deus e dos Pobres, a saber, uma santidade de “pastor com cheiro de ovelhas”, com “espírito de Vaticano II”, com “audácia profética”, de “intensa mística” e de “compromisso com a libertação dos pobres”. O artigo apresenta de forma notória a sintonia espiritual entre a compreensão e a vivência da santidade por parte de Dom Helder com os ensinamentos da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, do Papa Francisco.

Palavras-chaves: Helder Câmara. Santidade. Francisco. Vaticano II. Mística. Profecia.

ABSTRACT:

The article wishes to point out that Monsignor Helder Câmara lived deep holiness, that is, he allowed the sanctifying grace conferred on the sacrament of Baptism (and of the Order) to produce in him good fruits for the Church and for humanity. After observing that Dom Helder cared for the holiness of the “human family”, maintaining friendships with “saints of the earth” and “saints of heaven”, and showing that, throughout his spiritual development, his understanding of holiness had matured. Then, the text points to some of the main characteristics of the holiness of the Servant of God and of the Poors, namely, a holiness understood as that of the “shepherd living with the smell of the sheeps”, with “spirit of Vatican II”, with “prophetic boldness”, with “intense mysticism” and “commitment to the liberation of the poor”. The article presents in a remarkable way the spiritual harmony between Dom Helder’s understanding and this experience of holiness with the teachings of Pope Francis’ Apostolic Exhortation *Gaudete et Exsultate*.

Keywords: Helder Câmara. Holiness. Francisco. Vatican II. Mystical. Prophecy.

¹ Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades, Passo Fundo, RS, Brasil. Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Câmara. E-mail: iarampon@yahoo.com.br - ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2882-440X>



“A santidade é o rosto mais belo da Igreja”.

Papa Francisco

“Quando peço terra, teto e trabalho para os necessitados, alguns me acusam dizendo que ‘o Papa é comunista’! Não entendem que a solidariedade com os pobres é a base mesma do Evangelho”.

Papa Francisco

“Quando dou pão aos pobres, chamam-me de santo; quando pergunto pelas causas da pobreza, me chamam de comunista”.

Dom Helder Camara

INTRODUÇÃO

Existem muitas maneiras de trilhar a santidade. Os santos não podem simplesmente ser enquadrados em esquemas rígidos ou em um traçado hagiográfico. Isto porque, para a santidade real, conta muito a personalidade da pessoa, a visão eclesiológica, a intimidade própria com Deus, o seguimento às pegadas de Jesus, o modo de agir diante da realidade social e política, a opção pelos pobres... enfim, o encontro fecundo do espírito humano com o Espírito Santo.

O Servo de Deus Dom Helder Pessoa Camara² buscou e viveu profundamente a santidade. É provável que nos próximos anos seu nome venha a constar no *cânon romano*. Mas qual era a compreensão de santidade do próprio Dom Helder? Que progressos houve na sua compreensão de santidade ao longo das décadas de sua vida? Como ele viveu a santidade? Quais as características principais da santidade helderiana? Neste artigo, buscaremos dar algumas respostas a estas questões.

1 DEUS É SANTO E FONTE DE TODA A SANTIDADE

Dom Helder entendia que Deus é “santidade essencial”. No entanto, Deus também é fonte de santidade. Pelo sacramento do Batismo, Ele nos concede a graça santificante, ou seja, “o Senhor nos transforma em participantes de sua santidade. Não se trata de favor prestado a alguns, mas de um dom e duma obrigação que a todos nos atinge”³.

Disto, Dom Helder concluía que ser santo ou santa não significa “ter visões transcendentais ou o poder de operar milagres”⁴. Aliás, os fenômenos extraordinários, muitas vezes são ambíguos, quando não até obras demoníacas⁵. A santidade consiste na “capacidade de viver a graça santificante, de nos lembrarmos e de trazermos o Cristo dentro de nós, e que Deus nos carrega consigo”⁶. Ser santo, “por conseguinte, não constitui privilégio extraordinário”⁷, mas em deixar a graça batismal frutificar em pequenos ou grandes gestos de santidade.

Neste sentido, Dom Helder está em plena sintonia com o Papa Francisco que exorta: “Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto

² Os autores escrevem o nome de Dom Helder de muitas maneiras. A grafia correta é Dom Helder Pessoa Camara. Usarei a grafia correta. Porém, quando for citação, seguirei os autores.

³ CÂMARA, Hélder. *O Evangelho com Dom Hélder*, p. 58.

⁴ CÂMARA, Hélder. *O Evangelho com Dom Hélder*, p. 59.

⁵ VELASCO, Juan Martín. *Il fenomeno mistico: antropologia, culture, e religioni*, p. 63-79.

⁶ CÂMARA, Hélder. *O Evangelho com Dom Hélder*, p. 59; CAMARA, Helder. *Le conversioni di un vescovo*, p. 228.

⁷ CÂMARA, Hélder. *O Evangelho com Dom Hélder*, p. 59; CAMARA, Helder. *Le conversioni di un vescovo*, p. 228.

a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, esta é o fruto do Espírito Santo na tua vida”⁸. Segundo o Papa, esta santidade, “a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos”⁹ ou diante de desafios maiores que a vida e a história vão apresentando.

Dom Helder também concorda com a concepção de São Francisco de Sales de que os santos são o Evangelho vivo, o Evangelho na prática. Entendia, com o Vaticano II, que nossa vocação é a santidade¹⁰, pois “para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade”¹¹.

2 A REAL, INTENSA E PROFUNDA COMUNHÃO DOS SANTOS

Para Dom Helder, a santidade não pode ser reduzida a uma conquista individual. Em que pese a dimensão pessoal irrepitível, ela é essencialmente graça divina-trinitária e, conseqüentemente, graça comunitária. Neste sentido, através da pregação do Evangelho e da profunda vivência sacramental, dedicava cuidados para ajudar na santidade de outras pessoas.

2.1 A FAMÍLIA: CUIDAR DA SANTIDADE

Especial atenção, Dom Helder oferecia à Família (Mecejanense)¹², pois acreditava que esta tinha uma missão especial na terra e no céu: “Creio na comunhão dos santos. Se a Família caminhar na caridade, unir-se sempre mais a Cristo, louvando o Pai e ajudando os homens, então, cuidar da Família é cuidar da FAMÍLIA, isto é, de todos os homens de todos os lugares e de todos os tempos”¹³.

A Família, que tem suas origens na década de 40 através do Grupo Confiança¹⁴, foi de suma importância na vida de Dom Helder, a ponto de fazermos aqui uma correção: quando dizemos que Dom Helder, por exemplo, foi o fundador da CNBB, devemos entender a expressão “Dom Helder” não apenas como um indivíduo, mas como um grupo. Disto depreendem-se duas características importantes da espiritualidade de Dom Helder: 1) a grande capacidade de liderar; 2) a grande disposição para trabalhar em grupo. Estas duas características de sua personalidade, eram cultivadas a partir de uma intuição espiritual de Santa Terezinha do Menino Jesus, ou seja, de realizar um apostolado oculto, porém muito fecundo.

Com a sua Família, Dom Helder organizou o Ano Santo (1950), as Semanas da Ação Católica, a Secretaria permanente da nascente CNBB, os encontros dos Bispos (Amazonas¹⁵, Nordeste), o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, a Cruzada de São Sebastião, a Feira e o Banco da Providência, a preparação do Plano de Emergência, ações do Movimento de Educação de Base, a preparação e a execução do Vaticano II-

⁸ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 15-16.

⁹ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 16.

¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, 40ss; CÂMARA, Helder, Deus nos tempos de hoje e na vida de cada dia. In: CD, faixa 1.

¹¹ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 19.

¹² A Família Mecejanense era uma espécie de Família Espiritual de Dom Helder. Enquanto morou no Rio de Janeiro, Dom Helder chamava “Família São Joaquim” (referência ao Palácio São Joaquim) e, mais tarde, em Recife, depois de vários nomes, decidiu por “Família Mecejanense”, referência a Messejana, Fortaleza. Sobre isto, entre outras obras, ver RAMPON, Ivanir Antonio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Camara*, p. 312-322.

¹³ Circular 44 de 17/18.10.64.

¹⁴ LEÃO, J. G. “De Virginia Côrtes de Lacerda à Família Mecejanense: As origens da equipe leiga com a qual Dom Helder Camara mudou os rumos da Igreja Católica no Brasil (1941 a 1959)”, apud MARQUES, L. C. L. “As circulares conciliares de Dom Helder”.

¹⁵ O atual Secretário Geral da CNBB, Dom Joel Portella Amado, tendo em vista o Sínodo Pan-Amazônico, recorda com estima este acontecimento: “Em 1954 o então secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Hélder Câmara, convocou uma reunião com os bispos preladados da região para buscar o fortalecimento da missão e a renovação do empenho em favor da promoção humana das populações amazônicas” (AMADO, Dom Joel Portella. Compromisso com a criação).

Medellín-Puebla, decidiu-se pela missão de ir mundo afora pregando o Vaticano II e a promoção da paz, a Ação Justiça e Paz, o Movimento de Irmãos... Com a Família, sonhava com a união das Minorias Abraâmicas de todo o mundo...¹⁶.

Para favorecer a santidade da Família e, conseqüentemente de “todas as criaturas, de todos os tempos e todos os lugares”¹⁷, Dom Helder, como bom orientador espiritual, promovia encontros para a “ascensão espiritual” e para o engajamento cristão na “ação social”, escreveu uma precisa Regra para o Apostolado Oculto – maravilhoso texto espiritual que nos ajuda a “avançar nos caminhos de Deus”¹⁸ –, escrevia Circulares com deliciosos ensinamentos espirituais sobre a Missa, os Santos, o Anjo da Guarda, a ação dos anjos e dos demônios, o espírito do Vaticano II, a missão da Igreja no mundo atual, a justiça, a paz... Para a Família, pedia ajudas e sugestões para elaborar discursos e tomar decisões importantes na vida. Deste modo, a Família também zelava pela santidade do Dom!¹⁹

2.2 AMIZADES COM SANTOS

Dom Helder entendia que no seu caminho Deus havia colocado alguns santos que com ele peregrinavam na terra. Entre os mais conhecidos estavam o Pe. Cícero, Pe. Henrique Pereira Neto, Cardeal Suenens, Dom Larraín, São João XXIII, São Paulo VI, Roger de Taizé, Beato Charles de Foucauld, Venerável Giorgio La Pira, entre tantos mais. Ele não apenas admirava estes expoentes da fé e da santidade, mas buscava viver, no mesmo espírito, “afinidades espirituais”. Viviam uma comunhão de espíritos no Espírito Santo de Deus. Talvez, o “mais grande” destes – pelo menos na década de 60 – tenha sido São João XXIII: “o mais grande santo que encontrei, posso nominá-lo, porque o seu nome é conhecido e amado por todos, é o Papa João”²⁰.

Percebendo estas afinidades, José de Broucker, biógrafo de Dom Helder, registrou que “o Papa do Concílio e da *Pacem in Terris*” e o “Bispo do Terceiro Mundo e do Diálogo” possuem grandes afinidades como a grande disponibilidade ao Espírito Santo. Por isso, pode-se compreender a enorme devoção helderiana por São João XXIII. Dom Helder não se cansava de dizer que o Papa Bom foi o instrumento da Providência para a renovação e o renascimento da Igreja: “Busco olhar e estudar o Papa João”. Tocava-lhe a bondade, a disponibilidade para compreender, a abertura, a vocação para o diálogo. Sintonizado com São João XXIII, gostava de apregoar que a bondade não consegue tudo, “mas aquilo que a bondade não consegue obter, a severidade nunca obterá”. A severidade e a força criam hipócritas, velhacos e não, verdadeiramente, filhos, irmãos, humanos²¹.

Outro santo que Deus colocou no caminho de Dom Helder foi o Pe. Montini. De fato, havia entre eles uma profunda amizade espiritual²². Esta amizade iniciou em 1950 e nunca mais teve fim. Helder Camara percebia “recados de Deus” no agir e falar de Montini e vice-versa. Esta amizade espiritual foi de suma importância para Montini conhecer a América Latina, para a criação da CNBB e do CELAM, para a organização do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional que aconteceu no Rio de Janeiro, para garantir em momentos-chaves o “espírito do Vaticano II” durante e após o Concílio, para a elaboração e difusão da *Populorum Progressio*, para garantir a missão helderiana de Peregrino da Paz pelo mundo afora. O apoio de São Paulo VI a Dom Helder quando este estava sendo perseguido,

¹⁶ CÂMARA, Helder. *O deserto é fértil*; CAMARA, Helder, *Espiral de violência*, p. 65; RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 472-485.

¹⁷ Circular 18 de 19/20.10.1963.

¹⁸ Circular 18 de 19/20.10.1963.

¹⁹ Dom Helder, carinhosamente, era chamado de Dom, Padrezinho, Bispinho, etc.

²⁰ BROUCKER, José de. *Helder Camara: la violencia di un pacífico*, p. 167.

²¹ BROUCKER, José de. *Helder Camara: la violencia di un pacífico*, p. 167.

²² RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*.

caluniado, difamado e depois silenciado pela ditadura militar brasileira (1964-1985), foi a prova sincera da amizade consolidada no decorrer de anos em prol do compromisso de ajudar a Igreja a viver mais o Evangelho e de buscar um mundo mais fraterno. Convém recordar que Paulo VI apoiava com confiança Dom Helder e a linha helderiana em prol da justiça, da vida, da liberdade, da democracia²³.

2.3 A COMUNHÃO DOS SANTOS: O “CÉU” NA IGREJA DAS FRONTEIRAS

Dom Helder também vivia profundamente comunhão com os santos do céu. Esta vivência era mais profunda durante a Santa Missa e a Vigília. Na Santa Missa, ele se emocionava quando, no Prefácio, unia sua voz com as vozes do povo de Deus e as vozes angélicas para dizer “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus do Universo...”²⁴. Já durante a Vigília, de certo modo, *o céu descia na sacristia da Igreja das Fronteiras*²⁵.

Lá na Igreja das Fronteiras, o Dom conversava com Maria, a Mãe querida, sobre os “problemas dos homens e das mulheres”, bem como, sobre “os problemas de Deus”. Um assunto que o “filhinho” e a “Mãe querida” conversavam era sobre como sair do subdesenvolvimento e criar um mundo sem opressores e oprimidos – um mundo de irmãos. Esta temática era de suma importância para Dom Helder e para a “Mãe da Humanidade”. Já nos momentos de desânimos e tristezas, o “filhinho”, derramava suas lágrimas e, logo, depois agradecia a “mãe queridíssima” que enxugava o seu rosto, confortava e dava novo ânimo para a missão continuar. O “filhinho”, também, encantava-se com a visão de santidade presente no *Magnificat*. Quando via gestos eclesiais de opção pelos pobres e de libertação dos oprimidos, dizia para a Mãezinha: *Magnificat!*²⁶ Algumas vezes, no entanto, alertava a “Mãe querida”:

Cuidado, Mãe querida
com o Magnificat
o teu hino incomparável
de louvor e ação de graças.
Vão gravar-te
palavras isoladas
e provar
que és subversiva,
agitadora,
comunista!²⁷

Às duas da madrugada, durante a Vigília, Dom Helder tinha encontro marcado com os Anjos. Tinha-os como modelos de oração, de serviço, de proteção contra as investidas do Inimigo que não queria a justiça e a paz no mundo e o espírito do Vaticano II na Igreja. Enquanto a cidade dormia, os Anjos organizavam, com o Dom, a “movimentação”, os “*complôs*” para levar a Igreja aos caminhos da pobreza e do serviço à justiça, à paz, ao amor. E, na eternidade, – prometeu o Dom – continuaria a fazer “movimentações”: “Tenho planos para a eternidade.

²³ RAMPON, Ivanir Antonio. Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco.

²⁴ CAMARA, Helder. *Quem não precisa de conversão?*, p. 58.

²⁵ Após assumir o Pacto das Catacumbas, no final do Vaticano II, Dom Helder buscava um lugar simples para morar. De 12 de março de 1968 até a sua morte, morou na Sacristia da Igreja das Fronteiras.

²⁶ Circular 43 de 17/18.11.1963.

²⁷ CÂMARA, Helder. *Nossa Senhora no meu caminho* [poema de 1/2.7.1971], p. 24.

Movimentações muito sérias a acertar com os Anjos”²⁸. Quem nunca faltava na Vigília era o seu Anjo da Guarda, a quem chamava de José²⁹: “Somos sempre mais amigos. Não há praticamente instante vivido sem ele. Claro que o encontro ainda é maior na Vigília e na Santa Missa”³⁰.

São Francisco de Assis também era um potente farol de santidade para Dom Helder e nunca faltava na Vigília. Conversando e inspirando-se nele, o Dom mergulhou no “mundo da pobreza” solidarizando-se com os pobres; esforçou-se em ajudar a Igreja a trilhar o caminho da pobreza evangélica; pregou a paz; cultivou a perfeita alegria; sofreu em nome da fidelidade a uma causa maior; viveu a comunhão cósmica explicitada através do cuidado, da poesia e da oração³¹. Por ocasião dos 800 anos de nascimento de São Francisco, destacou que o importante era meditar a plena atualidade do *Poverello*, uma das maiores glórias da Itália: “Que a graça divina nos ajude a descobrir como imitar São Francisco é uma das melhores maneiras de imitar Jesus Cristo nos nossos dias e de seguir os caminhos da Santidade neste angustiado e apaixonante fim de século e fim de milênio”³². Hoje, temos a alegria de ter um Papa que escolheu São Francisco como inspiração para a nova etapa da evangelização³³: “São Francisco de Assis, ainda muito jovem e cheio de sonhos, ouviu a chamada de Jesus para ser pobre como Ele e restaurar a Igreja com o seu testemunho. A tudo renunciou com alegria e é o santo da fraternidade universal, o irmão de todos, que louvava o Senhor pelas suas criaturas”³⁴.

Desde menino, Dom Helder teve um amigo caríssimo: São Vicente de Paulo! Com quatro anos, sendo aspirante à vida vicentina, o pequeno cearense, inspirado por São Vicente de Paulo, visitou algumas famílias pobres, partilhando alimentos e a vida. A intimidade entre eles era tão grande que ainda no Rio de Janeiro Dom Helder foi denominado de São Vicente das Favelas – epíteto usado por São João XXIII para designar o Bispinho brasileiro. Com este codinome tornou-se conhecido mundialmente durante o Concílio Vaticano II, uma vez que vários padres conciliares e jornalistas assim se referiam a ele. Durante as Vigílias, em suas conversas com São Vicente, a quem chamava de Patrono e Mestre, descobriu que o Apóstolo da Caridade seria contemporaneamente o Santo da Justiça: “estou convicto, se vivesse hoje, o apóstolo da caridade buscaria fazer a justiça”³⁵.

Enfim, era grande a comunhão que Dom Helder matinha com outros santos e santas. Tinha, inclusive, a intimidade de brincar com eles. Durante a Vigília, por exemplo, não só rezava diante das imagens, mas brincava com as imagens de Cristo, Nossa Senhora, São Francisco, São Vicente de Paulo... e com as fotos do Cardeal Suenens e do Papa João XXIII³⁶.

Com esta real, intensa e profunda comunhão dos santos, não é de estranhar que Dom Helder tinha um carinho especial pelo Dia de Todos os Santos:

Dia 1º de novembro. Hoje e amanhã são datas da Família, espalhadas por 2 outros mundos. Dia virá sem mais separações, sem distâncias e, sobretudo, sem incompreensões, que criam as piores e mais tristes distâncias. Dias de ainda mais preces,

²⁸ Circular 284 de 28/29.8.1965.

²⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 352-359.

³⁰ Circular 171 de 18/19.3.65.

³¹ RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 76, 412-426.

³² CAMARA, Helder. São Francisco, Santo do Nosso Tempo, p. 91.

³³ FRANCISCO, *Evangelli Gaudium*, 1-3; RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*, p. 30-32.

³⁴ FRANCISCO, *Christus Vivit*, 52.

³⁵ GONZÁLEZ, José. *Helder Câmara: il grido dei poveri*, p. 94; CÂMARA, Hélder. *Chi sono io?*, p. 34-35; CAMARA, Helder. Dom Helder Câmara racconta la sua vita, in BOURGEON, Roger. *Il profeta del Terzo Mondo*, p. 239; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 288; BROUCKER, José de. *Helder Camara: la violenza di un pacifico*, p. 26-27; CAYUELA, José. *Hélder Câmara – Brasil: ¿un Vietnam católico?*, p. 165-166.

³⁶ Escreve Dom Helder: “Destaco [...] a alegria de ver o Pai ter confiança de brincar comigo, levando-me à confiança absoluta de brincar com Ele (quem não entender esta verdade, jamais terá a chave última dos brinquedinhos que carrego comigo que se misturam, sem desrespeito, com as Imagens do Cristo, de Nossa Senhora, de São Miguel [...]). Se não entra no céu quem não vira criança, como passar pela vida sem brincar?”. Circular 175 de 23/24.3.65.

mobilizando a Igreja triunfante e a padecente em favor da militante. Que os santos do céu e do purgatório nos assistam e nos ajudem!³⁷.

3 CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE EM DOM HELDER CAMARA

Antes de apontarmos as características mais salientes da santidade helderiana, faremos um breve comentário histórico sobre as origens da santidade de Dom Helder – passando pelo contexto familiar, seminarístico, político, intelectual, pastoral e eclesial. Nosso intuito é mostrar que o próprio Dom Helder mudou seu conceito de “santidade” ao longo de sua vida para hoje abrilhantar o mundo e a Igreja com tão sublime fidelidade evangélica. Em outras palavras, ele abraçou um estilo de santidade atualmente enaltecido e desejado pelo Papa Francisco³⁸.

No contexto familiar e seminarístico, Helder foi assimilando as primeiras noções de uma santidade. Eram noções insipientes, mas que produziram grandes frutos na vida do presbítero e, principalmente, do Bispo Helder. Na casa do menino Camara veneravam-se santos. Havia um altar com imagens de Cristo, da Virgem e dos Santos de quem a sua mãe era devota. No mês de maio, o seu pai dirigia todos os dias a oração do Rosário, em latim. No mês de junho a mãe dirigia as orações dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus.

Na juventude, o seminarista Helder apreciou o modo de santidade *oculta* de Santa Terezinha do Menino Jesus e recomendava a leitura do livro *A história de uma alma*. Mais tarde, como sacerdote, inspirando-se na santa, fez também um “apostolado oculto” muito fecundo. Em sua primeira *grande humilhação*, aprendeu, no dia de Santa Marta, que ele não poderia se preparar para o sacerdócio com ódio e orgulho³⁹ e compreendeu que o que parecia defesa da fé era, na verdade, orgulho⁴⁰.

Apesar disto, no início de seu sacerdócio, o Pe. Helder militou nas filas do integralismo brasileiro. Esta militância não deixava de ter traços agressivos, coercitivos, maniqueístas (neognósticos e neopelagianos⁴¹). Mais tarde, chamou esta participação no integralismo de “pecado da juventude”. Para quem tinha aderido ao integralismo, em nome de um futuro mais humano e católico, e como forma de defesa contra o comunismo soviético, era humilhante admitir que os regimes totalitários de Hitler, Mussolini e outros instigavam perseguição terrorista e racista contra todos os opositores, além de alimentarem outra “guerra mundial”. O nazismo e o fascismo, que inspiraram o integralismo brasileiro, foram reconhecidos como manifestação da barbárie e da decadência, e não como possibilidade de luta contra o comunismo e o liberalismo burguês.

Neste tempo, o grande líder do laicato brasileiro, Alceu Amoroso Lima, começara a defender um catolicismo mais aberto e democrático. Indicou, em 1936, o livro *Humanismo integral*, de Jacques Maritain, ao Pe. Helder – que o leu no original, em francês⁴². O livro propõe a reconciliação entre catolicismo e democracia e se posiciona contra todas as formas de totalitarismo, seja de direita ou de esquerda. Maritain defendia o respeito ao pluralismo religioso e a defesa da liberdade individual e grupal.

³⁷ Circular 16 de 31.10.1962.

³⁸ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 63 e 65.

³⁹ CÂMARA, Helder. *Chi sono io?*, p. 21-22. Na linguagem espiritual helderiana, o Senhor quando nos vê tomando um caminho perigoso – de orgulho e arrogância – nos envia humilhações, não porque nos quer o mal, mas ao contrário, porque nos ama e nos quer trilhando o caminho da humildade e, sem a humildade não se dá um passo nos caminhos do Senhor.

⁴⁰ CAMARA, Helder. *Le conversioni di un vescovo*, p. 116.

⁴¹ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 35, 37, 40-44, 49-50 e 57-58.

⁴² PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 139-140; LIMA, Alceu Amoroso. *No limiar da Idade Nova*, p. 61-78.

É muito fácil, portanto, notar a diferença do pensamento de Maritain e o do Pe. Helder em sua juventude, uma vez que este resistia em admitir outra força de natureza política, econômica e social fora do integralismo. Para Maritain, a renovação cristã do mundo deveria ser realizada por pessoas que adotassem *um novo estilo de santidade*, abdicando do uso da força, da agressividade e da coação e adotando as forças da paciência e do sofrimento voluntário, que são os meios do amor e da verdade⁴³. A leitura do livro *Humanismo integral* provocou forte impacto na consciência daquele que apenas dois anos antes em um artigo escrevera: “Violentos seremos, não o negamos, contra os inimigos de Deus...”⁴⁴.

A busca do “novo estilo de santidade” foi uma grande “luz” na vida do Pe. Helder. Progressivamente ele foi mudando seu pensamento e suas práticas, abandonando a visão católica ultraconservadora. Em 1942, quando as Forças Armadas cessaram de dar apoio a Getúlio Vargas e crescia no país o movimento pela democracia através dos aliados contra os regimes nazifascistas europeus, o Pe. Helder não escondeu sua simpatia pelo movimento democrático⁴⁵. Em seu discurso, como convidado de honra dos laureados na Faculdade de Filosofia, em 1944, pediu aos cristãos para evitar “o farisaísmo de julgar que nós burgueses [somos] representantes da ordem social e da virtude, ao passo que os comunistas encarnam a desordem, o desequilíbrio e o desencadeamento das forças do mal”; e completou dizendo: “Nós, também, temos as nossas falhas e os nossos pecados... pois encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolos generosas e espetaculares”⁴⁶.

Na segunda metade da década de 1940, Pe. Helder mergulhou no método e na mística da Ação Católica Especializada. O método ver-julgar-agir revelou-se eficaz à medida que ajudava os jovens a refletirem sobre sua própria realidade, identificando os problemas, dando um juízo à base dos valores evangélicos e tomando decisões operativas para tornar o país mais cristão⁴⁷. Estas características se tornaram constantes, a partir de então, na espiritualidade de Dom Helder.

Essa nova visão de vida e de santidade revelam o grande desenvolvimento espiritual na vida do Pe. Helder entre os anos de 1936 a 1946. Foi nesse período também que Francisco de Assis se tornou uma referência fundamental para a sua espiritualidade, principalmente após a leitura do livro *Francisco de Assis e a Revolução Social*, de Ernesto Pinto. Ora, este “grande desenvolvimento espiritual” foi importante para as etapas sucessivas na vida do Pe. Helder.

Mas o “momento da virada” aconteceu após Congresso Eucarístico Internacional acontecido no Rio de Janeiro em 1955. Atendendo ao apelo profético do Cardeal Gerlier, Dom Helder começou a investir a sua força mística, o seu desenvolvimento espiritual, os “dons recebidos do Senhor”, a sua busca do caminho de santidade, na opção pelos pobres. Cristo, através dos pobres, provocou diversas “conversões”⁴⁸ em Dom Helder Camara. Com os pobres, ele fez diversas obras no Rio de Janeiro (Cruzada de São Sebastião, Banco e Feira da Providência...), em Recife (Banco da Providência, Operação Esperança, Ação Justiça e Paz, Encontro de Irmãos), na CNBB (Movimento de Alfabetização de Base...) e internacionalmente (Grupo Igreja Pobre e Servidora, Pacto das Catacumbas, Peregrino da Paz, Sinfonia dos Dois Mundos...)...

Portanto, podemos dizer que foram de suma importância para o amadurecimento da concepção de santidade em Dom Helder: a) a influência de Alceu Amoroso Lima, o

⁴³ MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral: uma visão nova da ordem cristã*.

⁴⁴ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 140.

⁴⁵ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 156-157.

⁴⁶ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 158.

⁴⁷ SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: Os estudantes católicos e a política*, p. 63; PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 165-166.

⁴⁸ O termo “conversão” faz parte da linguagem espiritual helderiana adquirindo contornos próprios. Neste texto, basta dizer que “conversão” é um processo espiritual que busca corresponder ao “mergulho na Santíssima Trindade” e à “unidade com Cristo”. Neste sentido, no livro *Quem não precisa de conversão?*, Dom Helder mostra que a conversão é a vivência da “humildade de Deus”, renunciando ao orgulho e ao egoísmo...

maior líder do laicato brasileiro; b) o pensamento de Jacques Maritain, especialmente o livro *Humanismo Integral*; c) o testemunho de santidade de São Francisco de Assis; d) a mística-método ver-julgar-agir da Ação Católica; e) o desafio do Cardeal Gerlier, abraçado enquanto desígnio divino. Soma-se a isto, o Pontificado de São João XXIII, que lhe abriu novos horizontes. O próprio Papa pediu ao Secretário da CNBB e a outros Bispos que realizassem um Plano de Emergência. João XXIII apoiou a linha helderiana no Brasil (e a linha montiniana na Itália)⁴⁹. Por sua vez, Dom Helder via muita santidade em São João XXIII e nele se inspirava para trilhar o seu caminho de santidade. Ao assumir a missão de Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife disse: “Peçam ao Pai Celeste de Quem vos vem toda graça e toda luz que esta seja a marca do Novo Arcebispo: **que ele lembre o Papa João XXIII**. Será uma excelente maneira de lembrar o próprio Cristo, o Bom Pastor”⁵⁰.

3.1 UMA SANTIDADE PASTORAL

Como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder deu um exigente testemunho pessoal caracterizado pela largueza de compreensão, bondade e misericórdia: “A diferença que há entre o fariseu e o santo é sobretudo esta: o fariseu é largo consigo e estreito com os outros; quer obrigar todo o mundo a ir para o céu à força. O santo só é exigente consigo: com os pecadores, é largo como a bondade divina, sem limites como a misericórdia do Pai”⁵¹.

Em breves palavras, podemos dizer que, em Recife, Dom Helder foi se santificando na ação de pastor. Sua espiritualidade pastoral foi marcada, fundamentalmente, por quatro características: 1) opção pelos pobres; 2) diálogo com todos; 3) vivência de uma eclesiologia *aggiornada*; 4) configuração a Cristo, o Bom Pastor⁵².

Logo após a posse, por exemplo, o primeiro grande compromisso do Dom foi visitar e conhecer os mocambos, nos alagados e córregos. Foi dialogar com os pobres e amá-los! Em seguida, começou a organizar a reforma agrária nas “Terras da Santa”⁵³. Por causa do tratamento carinhoso e respeitoso que dava aos pobres, começou a receber, no Palácio, todas as tardes, centenas de pessoas desprovidas de bens e, por isso, percebeu a necessidade de criar o Banco da Providência, para amenizar a situação de miséria e pobreza. A partir das calamidades provocadas pela enxurrada de 1965 e atendendo a um apelo que Paulo VI lhe fizera, organizou a Operação Esperança, a fim de colaborar para superar a miséria, despertar a consciência de todos, espalhar o ideal da não violência ativa e pôr em prática as orientações do Vaticano II. Também criou a Ação Justiça e Paz, o Encontro de Irmãos, e saiu pelo mundo pregando a solidariedade entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos... Portanto, Dom Helder podia dizer: “Espero, com a graça divina, santificar-me na luta pela promoção humana e cristã da Gente que Deus me confiou...”⁵⁴.

No intuito de dialogar com todos, Dom Helder organizou, com intelectuais, jovens e outras categorias, as Noitadas do Solar São José. Desejava que a “casa do pai” fosse aberta à inteligência e à promoção da verdade na caridade. Sua bela postura de diálogo cativou lideranças religiosas, sociais, culturais, políticas, econômicas e militares. Com estes, almejava construir projetos de promoção da vida no “coração do subdesenvolvimento”.

Com o objetivo de ajudar a Igreja a ser pobre e servidora, Dom Helder transformou o Palácio Episcopal em um Centro de Pastoral Libertadora. Pedia aos sacerdotes que

⁴⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*, p. 49-55.

⁵⁰ CAMARA, Helder. Tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, p. 28. O negrito remete ao destaque dado pelo próprio Dom Helder.

⁵¹ CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 27.

⁵² RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 189-191.

⁵³ O povo dizia “Terra da Santa”, ou seja, de Nossa Senhora do Pilar. Trata-se de terras pertencentes à Igreja, em que Dom Helder iniciou um projeto social de reforma agrária, liberando-se dos “nossos Estados Pontifícios” (Circular 30 de 15/16-6-64; Circular 101 de 23/24-11-1964).

⁵⁴ Circular 238 de 4/5.7.1965.

fossem homens de fé, de culto e de caridade, e que ajudassem as próprias comunidades a testemunharem essas características. Destacava que, para auxiliar o Nordeste a sair do subdesenvolvimento, era preciso padres santos.

De fato, Dom Helder dispensava um carinho distintivo aos padres para que fossem santos e guias para as veredas da santidade. Por isso, os aconselhava a terem um trabalho planejado e em conjunto; a fazerem continuamente esforços para a própria santificação; a hierarquizar as atividades; a realizarem estudos metódicos; a celebrarem a Eucaristia e os demais Sacramentos com amor; a pregarem a Palavra de Deus com fidelidade; a empregarem tempo na formação dos leigos; a não terem medo da “sombra” dos outros sacerdotes, mas alegrarem-se por estarem cercados de sacerdotes mais santos, mais inteligentes, mais cultos e mais compreensivos; a viver o espírito de família que permite partilhar as alegrias e tristezas, as esperanças e preocupações, os trabalhos e as fadigas de cada um; a afastarem-se das intrigas e oferecerem a solicitude de pai.

Destacava, também, a importância de os padres promoverem o *aggiornamento* dos seminaristas para formar um santo e eficiente clero local⁵⁵. Exortava, enfim, os padres caminharem no amor a Deus:

santificar-nos para estar à altura da arrancada econômica que vai sacudir o Nordeste. Provei que o desenvolvimento virá. Apesar de todos os erros e todas as falhas, a região – especialmente Recife – entrará em ritmo violento de industrialização. O Nordeste vai precisar de **Santos**. Esta é a missão que Deus nos confia. Este é o nosso chamado, a nossa vocação⁵⁶.

Dom Helder também acompanhava, com presença e orientação, a ação dos religiosos e do laicato, e instalou o Governo Colegiado na Arquidiocese.

Pessoalmente, ao invés dos símbolos de “Bispo-príncipe”, preferia os de “Bispo-pastor”. De fato, Dom Helder configurava-se a Cristo Bom Pastor que conhece suas ovelhas e busca vida digna para todas. Alimentava-se espiritualmente por meio das Vigílias, da Santa Missa e da missão pastoral. Para ser ainda mais fiel nas “vias do Senhor”, recebia “humilhações” e “delicadezas” do Pai. A forte experiência de Deus, vivida pelo pastor, foi captada pelo povo que o comparava a São Vicente de Paulo e a São Francisco de Assis, e o chamava carinhosamente de “Dom” porque, de fato, ele revelou-se um presente de Deus que transmitia amor, paz, proteção, gentileza, esperança, alegria... Ele comunicava, por gestos e palavras, o próprio Cristo Bom Pastor.

3.2 UMA SANTIDADE RENOVADA

O Concílio Vaticano II transformou-se em uma experiência espiritual decisiva na vida de Dom Helder Camara: meses de intensa atividade, grandes sonhos, novos encontros e amizades que o projetaram na esfera internacional. No final do Primeiro Período Conciliar, ele já era apontado como uma das dez mais importantes lideranças da Assembleia, mesmo sem ocupar nenhum posto nos vários organismos oficiais de direção do Concílio. Sua ação se dava nas atividades de articulação da CNBB e do CELAM, em grupos informais como o “Ecumênico”, a “Igreja dos Pobres” e o “*Opus Angeli*”. Era pródigo em receber a imprensa, sendo requisitado por jornalistas. Descobriu que seu objetivo deveria ser o de ajudar a manter o Concílio na linha inspirada por Deus ao Papa João XXIII⁵⁷.

⁵⁵ CÂMARA, Hélder. *Chi sono io?*, p. 109-112.

⁵⁶ Circular 50 de 9/10.7.64.

⁵⁷ RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 194.

Esforçou-se para que o Vaticano II assumisse a renovação litúrgica, o espírito ecumênico, a aproximação entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido, a sacramentalidade do Episcopado e se movesse em direção do Governo Colegiado da Igreja. Queria superar a era constantiniana, levando a Igreja aos “perdidos caminhos da pobreza”. Com prece e ação, ajudava o amigo Paulo VI nesse momento ímpar da sucessão petrina⁵⁸. Nos momentos de angústias e desilusões, animava a esperança de Padres Conciliares e foi um dos redatores do Pacto das Catacumbas. O Concílio, na concepção helderiana, não foi apenas um evento, mas um espírito, um programa de vida, uma concepção eclesial.

Para Dom Helder, o que o Vaticano II trouxe de melhor foi: “a atitude de diálogo; o espírito ecumênico; a decisão de servir”⁵⁹. Foi isto que ele procurou promover na Igreja de Olinda e Recife, bem como no Brasil. Viajou pelo mundo cumprindo a missão de pregador do Vaticano II. De fato, o Concílio tornou-se uma missão: “Quanto a mim, se me fosse pedido um programa de vida, uma incumbência, uma missão, não vacilaria em dizer: procuremos ser testemunhas do Vaticano II; exemplos vivos de cristianismo aberto, arejado, construtivo, confiante, corajoso; cristãos de nome e de fato; cristãos adultos”⁶⁰.

O Concílio dava-lhe fundamentos consistentes para propagar um “cristianismo libertador, promotor da paz e da justiça”. Comentava que, para algumas pessoas, a religião era tida como ópio do povo, porque ela “esquecia a vida terrena”; defendia a ordem social que, não raro, era injusta; usava e abusava do freio da prudência para evitar mudanças sociais, e; mantinha seu culto e obras com o dinheiro dos ricos que não queriam transformações sociais⁶¹. Ora, a Igreja Católica estava com o propósito de tornar-se servidora e pobre, e de engajar-se, decididamente, na luta por uma sociedade fraterna.

Por isso, a Igreja apoiava o avanço da ciência e a prática da justiça e da caridade⁶²; evitava deixar-se prender às estruturas do capitalismo; denunciava as desigualdades sociais, propondo e buscando a superação da distância entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido, crendo sinceramente que “a justiça é condição para a paz”⁶³. Diante dessa postura, já não se pode repetir que a “religião” é o ópio do povo, mas é necessário distinguir o que, no cristianismo, ela é ópio e relevo, compromisso e alienação⁶⁴.

Para Dom Helder, a assimilação do Concílio e a vivência do espírito do Vaticano II exigia e exige muita santidade pessoal, do clero e do laicato, pois “somente na medida em que vivemos a vida divina em nós e a nossa unidade com Cristo conseguiremos transformar as conclusões do Concílio em uma sagrada missão a cumprir, em uma reforma a realizar”⁶⁵. Os Bispos, por sua vez, deveriam ter diante dos olhos o exemplo de São Carlos Borromeu, ou seja, fazer do Vaticano II o que ele fez em relação ao Concílio de Trento.

Sua missão complementar de pregador do Vaticano II exigia, antes de tudo, a santidade:

Que sede tem os cristãos de ver a Igreja como Cristo sonhou: larga, sem medo, corajosa e bela! [...] O que o povo quer é testemunho de cristianismo autêntico. Não basta saber língua. Não basta presença de espírito. Não basta facilidade de falar. Nem mesmo cultura. O povo quer é **santidade**. E a santidade não se finge: o povo tem faro. Santidade não se improvisa: tem que ter por detrás toda uma existência de real e profundo amor a Deus e aos homens⁶⁶.

⁵⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*, p. 57-81.

⁵⁹ Circular 62 de 3/4.11.1964, escrita em Berna, Suíça.

⁶⁰ CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 25.

⁶¹ CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 65-69.

⁶² CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 69; CAMARA, Helder. *Il nuovo umanesimo che sta sorgendo*, p. 67.

⁶³ CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 97.

⁶⁴ CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*, p. 98; CAMARA, Helder. *La presenza della Chiesa nello sviluppo dell’America Latina*, p. 101-103.

⁶⁵ CÂMARA, Helder. *Chi sono io?*, p. 103.

⁶⁶ Circular 62 de 3/4.11.1964, escrita em Berna, Suíça. Dom Helder fora convidado por importantes Prelados para pregar sobre o Vaticano

Quando Dom Helder completou 65 anos de sacerdócio, em agosto de 1996, Dom José Maria Pires, durante a homilia, fez questão de ressaltar que o homenageado era um Bispo configurado ao modelo proposto pelo Vaticano II. Disse que a Igreja no Vaticano II optou por ser “povo de Deus mais do que hierarquia; comunidade mais do que sociedade; inserida no mundo mais do que no lado do mundo; servidora e não senhora; defensora da verdade e não proprietária”. No Nordeste brasileiro, o Concílio foi sendo colocado em prática pois a

Igreja Tridentina foi dando lugar à Igreja do Vaticano II. O clero foi se sentindo presbítero, co-responsável com seu bispo pela caminhada da Igreja local. Os leigos foram se organizando em comunidades, em movimentos, associações e setores paroquiais e, sem se afastarem da comunhão com a hierarquia, reconheceram sua autonomia e passaram a assumir suas responsabilidades na evangelização e a dar conscientemente sua indispensável contribuição na construção do reino de paz e de justiça⁶⁷.

Dom Helder enfatizava que o “espírito do Concílio” foi captado, vivido e estimulado de modo exemplar na Conferência de Medellín. Lá, os Bispos foram sábios e proféticos nas decisões de como aplicar o Concílio no continente: “A Igreja de Cristo que se acha na América Latina, ao tentar aplicar ao nosso Continente as conclusões do abençoado Concílio Ecumênico Vaticano II, adotou claros e indiscutíveis compromissos de assumir a defesa dos Pobres”⁶⁸. A Igreja, na América Latina, decidiu assumir as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças dos povos historicamente oprimidos e, por isso, “a Igreja não fala apenas em termos de ajudas, mas em termos de mudança pacífica, mas decidida e corajosa das estruturas injustas que esmagam mais de 2/3 do Continente, como esmagam mais de 2/3 da Humanidade”⁶⁹.

3.3 UMA SANTIDADE PROFÉTICA

Uma nota especialíssima da santidade de Dom Helder está na ousadia de ser profeta e como tal assumiu o compromisso de falar em nome do Deus dos oprimidos:

O tema dos antigos profetas era a luta entre uma verdadeira e uma falsa religião. A falsa religião legitima e sacraliza o poder das classes dominantes – clero e nobreza. A verdadeira religião contempla em Deus o defensor dos pobres e dos oprimidos. Dessa maneira, a mensagem religiosa dos profetas é também política. Ela exige uma mudança radical na sociedade. Esse aspecto da profecia do Antigo Testamento não perdeu a sua atualidade. Ele nos permite descobrir onde estão os verdadeiros profetas na história da Igreja de hoje⁷⁰.

A partir da perspectiva profética, Dom Helder mostrava que havia na sociedade moderna um conceito equivocado de santidade:

Este é um dos modernos divisores de água. Quem se limita a pedir aos poderosos ajuda para dar aos pobres; quem chega mesmo a ajudar os pobres em um começo de promoção humana, mas sem a “imprudência” e a “audácia” de falar em direitos e de ensinar a exigir justiça, é admirável e santo. Quem opta pela justiça e pela mudança das estruturas, que escravizam, no mundo de hoje, milhões de filhos de

II e outras temáticas afins em diversos países. Ele havia se tornado uma personalidade internacional. Era ovacionado por grandes públicos. Neste contexto, escreveu para a sua Família: “Fiquem tranquilos: nada disto me entontece ou faz esquecer o essencial. O essencial mesmo é ser santo de verdade: unir-nos sempre mais ao Cristo e ficar nas mãos do Pai” (Circular 89 de 7/8.12.1965).

⁶⁷ PIRES, José Maria. O todo-poderoso fez por mim grandes coisas, p. 17.

⁶⁸ CAMARA, Helder. A Igreja na América Latina, p. 85.

⁶⁹ CAMARA, Helder. A Igreja na América Latina, p. 85.

⁷⁰ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*, p. 14.

Deus, prepara-se para ver o próprio pensamento distorcido; para ser vítima de difamação e de calúnias; para perder o prestígio junto aos governos e poderosos e, quem sabe, ser preso, torturado ou até eliminado... Mas como esquecer que tudo isso é viver a oitava bem aventurança⁷¹.

De fato, Dom Helder pagou muito caro pela sua santidade profética. Durante o regime militar, o Arcebispo buscou dialogar com o regime, mas este foi fechando todas as portas e janelas, pois não suportava a verdade evangélica defendida pelo Arcebispo. É que, em nome do Evangelho de Jesus Cristo, Dom Helder fez uma profunda opção pelos pobres e se dispôs a dialogar com todos. Essa posição irritava os responsáveis pela ditadura militar que o desejavam como *legitimador religioso* do sistema de opressão⁷² e que não visitasse e dialogasse com os presos políticos. A irritação transformou-se em ódio quando, em maio de 1970, ele rasgou a cortina do cinismo e da mentira na frente de 20 mil pessoas, em Paris, afirmando que havia tortura no Brasil. A partir de então, passou a ser visto entre os maiores, senão como o maior *adversário político* pelo Governo autoritário. O governo brasileiro fez um grande trabalho para lhe impedir o Nobel da Paz e, em 1972, sendo o único candidato favorito, o governo conseguiu que naquele ano não houvesse premiado⁷³.

O regime autoritário não o torturou fisicamente, mas o *golpeou* nas lideranças e amigos que foram sendo presos, torturados e assassinados. Ele, no entanto, foi vítima de uma campanha de execração nos meios de comunicação social. Num primeiro momento ele era atacado, mas podia se defender e, a maioria da população estava com ele. Então, passou a ser atacado, sem ter a possibilidade de se defender adequadamente. A população começou a dizer: “por que Dom Helder não pode se defender?”. Neste contexto, a fama de santidade do *Dom da Profecia* cresceu enormemente, não só no Brasil, mas pelo mundo afora. Por isso, a imprensa nacional foi proibida de pronunciar o seu nome⁷⁴. Enquanto ele *não existia* no Brasil, era convidado, no exterior, para encontros, conferências, celebrações e outros eventos, a fim de que anunciasse a mensagem evangélica da paz. Mergulhado em Deus e configurado a Cristo, Dom Helder viveu intensamente o *Mistério Pascal*, celebrado, todos os dias, na Santa Missa.

Dom Helder viveu uma santidade profética, à luz do Evangelho de Jesus Cristo, o que implicava a denúncia das arbitrariedades do regime militar. Ao invés de ouvir a verdade proferida pelo profeta, o governo o estigmatizava como Arcebispo Comunista, dentro de uma visão dicotômica em que o capitalismo é a salvação e o comunismo é a perdição da humanidade. Dom Helder não era comunista, mas também não concordava com a dicotomia capitalismo-comunismo, como se o refutação das soluções capitalistas implicasse adesão ao comunismo; como se criticar os Estados Unidos equivalesse a unir-se à Rússia e à China vermelha⁷⁵: “... no nosso continente, no meu país, quem distribui comida e roupas é logo considerado uma pessoa respeitável, um santo; quem invés, chega à convicção que é necessário fazer uma autêntica promoção humana é revolucionário, um subversivo, um bandido comunista”⁷⁶.

Ferrarini, no estudo *A imprensa e o arcebispo Vermelho*, compilou uma enorme “ladainha de qualificativos”, seguramente não completa, atribuída, especialmente pela direita, ao Dom, no intuito de difamá-lo e execrá-lo:

⁷¹ CÂMARA, Hélder. *O deserto é fértil*, p. 64-65.

⁷² RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 302-303.

⁷³ Esta investida do governo militar é tratada com detalhes na introdução do seguinte livro: PILETTI, Nelson – PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara: entre o poder e a profecia*.

⁷⁴ Dom Helder foi fichado no DOPS de Pernambuco sob o número 16.906, tendo em seu prontuário anotações, pronunciamentos, informações, boletins, escutas telefônicas, recortes de jornais e periódicos catalogados pelo DOPS (COMISSÃO DA VERDADE DOM HELDER CAMARA, *Prontuário de Dom Helder Camara*, [acesso 2.8.2019]).

⁷⁵ CÂMARA, Hélder. *Chi sono io?*, p. 56-58.

⁷⁶ CÂMARA, Hélder. *Chi sono io?*, p. 56-58.

líder da insubordinação, irrequieto prelado, *condottiere*, apóstolo da libertação do homem novo, caráter totalitário, aprendiz de ditador, incorrigível agitador, antístite bolchevista, perigoso esquerdista, perigoso purpurado, costumaz agitador, líder comuno-nacionalista, subversivo dignitário, arcebispo da subversão, bispo vermelho, opiácio revolucionário, perigosíssimo energúmeno, Fidel Castro de batina, guerrilheiro eclesiástico, bispo totalitário, exaltado reformador, o pacifista, advogado do Terceiro Mundo, antropófago, pai da mentira, melífluo arcebispo, herdeiro espiritual de Antônio Conselheiro, vocação perdida de filósofo especulativo, fioso fascista, antístite dialogante, padre de passeata, grande demagogo, famoso antístite, o democrata, incorrigel prelado, ícaro da batina, *globeflyer*, gnomo de batina, fuxiqueiro ardiloso, fioso prelado, arcebispo extravagante, *arcebealte* Camara, arcebispo itinerante, cinematográfico prelado, gralha tagarela, catavento, boneco falante, líder anarco-esquerdista do clero, embaixador itinerante da Igreja Católica, corifeu tonsurado dos padres de batina, moderno saduceu, novo Jônatas, doutor angelical, místico arcebispo, corruptor das consciências, carbonário incendiário, improvisado revolucionário, sereia verde, futuro Torquemada, labioso prelado, contumaz difamador, cabo de esquerda, Rasputim do Recife e Olinda, comunista sino-cubano, carcará vermelho, Dener do figurino do ódio, relações públicas da miséria, Rabi encarnado de Olinda, D. Sardinha às avessas, pombo-correio das esquerdas, arcanjo do ódio, político de meia-tijela, figura controvertida, prelado voador, Jânio Quadros eclesiástico, grande comediante, o poverello do Recife, novo Tomás de Aquino da Filosofia católica, notabilíssimo hierarca, megalômano, pastor de cabras, caixeiro-viajante da difamação, Kerenski, arcebispo de Moscou, garanhão da desordem social, príncipe da Igreja cubana, romeiro do ódio ao Brasil, pastor de almas penadas, padre turbulento, falso profeta, tartufo de sotaina⁷⁷.

Diante de tantos impropérios, Dom Helder interpretava a situação dizendo que

quando a Igreja se preocupava em manter a chamada ordem social e a autoridade, nós tínhamos prestígio, tanto da parte do Governo como da parte dos poderosos. Quando em consciência contestamos as injustiças, denunciamos a chamada ordem social, como sendo uma desordem estratificada, os poderosos nos repelem e nos acusam de subversivos e o próprio Governo se alarma diante daquilo que lhes parece ser uma traição de cristãos, de padres e bispos ao Evangelho⁷⁸.

Os que combatiam Dom Helder, na verdade, combatiam a própria Igreja porque eram os mesmos que atacavam as diretrizes estabelecidas pelo Vaticano II, por Medellín e pelos Documentos da CNBB. O Arcebispo, por sua vez, foi assumindo cada vez mais a intuição de que a grande caridade do século XX era lutar por um mundo mais justo e que é um grande dom de Deus aceitar sofrer pela justiça. É uma bem-aventurança que nos dá o Reino dos Céus (Mt 5,12). Diante de tantas calúnias, difamações, anátemas e perseguições, Dom Helder manteve viva a esperança, o amor de Jesus⁷⁹ e perdoou sublimemente todos os seus detratores, confessando que recebeu uma graça *especial* de Deus: a de não guardar ódio no coração.

O que aumentava, no entanto, o sofrimento de Dom Helder, era a incompreensão dos irmãos da Igreja, principalmente dos irmãos no sacerdócio. Ser ridicularizado e perseguido pelo regime militar era até uma prova de que estava no caminho certo... mas doía-lhe profundamente a incompreensão dos irmãos. Em plena campanha nacional de difamação promovida por ideólogos do regime totalitário em 1969, Dom Helder foi convocado para

⁷⁷ FERRARINI, Sebastião Antonio. *A imprensa e o arcebispo Vermelho*, p. 157-158.

⁷⁸ CAMARA, Helder. A entrevista [proibida], p. 710.

⁷⁹ CASTRO, Marcos de. *Dom Helder: misticismo e santidade*, p. 219-220.

um “interrogatório” na CNBB. Assim, a Conferência interrogou o seu próprio fundador. Dom Helder respondeu a todas as questões sem perder a calma e até fez brincadeiras. A reunião terminou com cordialidade. Mas isto lhe doeu muito⁸⁰.

Dom Helder diversas vezes foi denunciado a organismos da Cúria Romana, o que lhe fazia sofrer dolorosamente. No entanto, o alegrava muito a confiança, o apoio, o cuidado e a proteção que recebia de Paulo VI⁸¹ que lhe dizia:

dom Helder se tornou um personagem internacional, um dos grandes vultos da Igreja e da Humanidade, mas, graças a Deus, continua o mesmo dom Hélder! Guarde esta palavra que lhe digo da parte de Deus: sua força é sua humildade e seu coração que só sabe amar, é incapaz de odiar. Continue! Continue! Você tem uma missão a cumprir: pregar a justiça e o amor, como caminho para a paz⁸².

Dom Helder estava trilhando a santidade profética e o profeta invoca, convoca e provoca! A provocação cria reação. Haveria profecia verdadeira sem reação? No dizer de Fragoso,

Com certeza o mundo reage aos profetas, a Igreja reage, os poderes constituídos reagem, o povo reage. E as reações são tanto mais fortes quanto mais a ação profética incomodar, desestabilizar, e quanto maior for a sua autenticidade. Profeta, para ser de verdade, tem que ser santo. Profetas santos representam uma ameaça para a pretensa segurança dos modelos políticos, sociais, econômicos e religiosos. Daí a força maior de D. Helder, mais eficaz que suas palavras, estava na sua espiritualidade⁸³.

Convém assinalar que Helder era um *bispo*-profeta que, na profecia *experienciou* profundamente o seu lema episcopal: “Em tuas mãos”. Este não era simplesmente um lema pulcro-abstrato porque, de fato, ele entregou-se, sem reservas, à Providência Divina. Ora, esse abandono total tornava-se uma imensa força para não se deixar intimidar perante os sustentadores da opressão e para defender os oprimidos e presos políticos, denunciar a violência estrutural e sair pelo mundo afora como peregrino da paz. Sua força, no entanto, revelava-se – como disse Paulo VI – através da humildade. Vivía em estilo próprio a infância espiritual. Ternura e vigor encontravam justa medida em seu ser. Seu sorriso e seu olhar de menino comunicavam mensagens de paz. E deste modo, por seu anúncio, denúncia e testemunho foi um autêntico bispo-profeta do século XX⁸⁴.

3.4 UMA SANTIDADE MÍSTICA

A compreensão e a vivência da santidade em Dom Helder estão marcadas profundamente pela sua experiência de Deus. De fato, antes de ser profeta, peregrino da paz, Bispo ou fundador da CNBB e do CELAM, Dom Helder foi um místico original. Foi *primeiro* um místico porque foi a sua mística que o levou à profecia.

A história da mística helderiana, em que pese as pesquisas já realizadas, oferece um grande espaço de estudos. No entanto, podemos afirmar que, na década de 1940, o Pe. Helder viveu uma forte experiência mística que foi sendo amadurecida nas décadas seguintes⁸⁵. Num

⁸⁰ PILETTI, Nelson – PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 363-380; CIRANO, Marcos. *Os caminhos de Dom Helder: perseguição e censuras (1964-1980)*, p. 49-52.

⁸¹ Paulo VI foi “amigo fiel e protetor da santa ousadia helderiana” (RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*, p. 168).

⁸² PILETTI, Nelson – PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 429.

⁸³ FRAGOSO, Frei Aloisio. Introdução, p. 18-19.

⁸⁴ Sobre as origens e o conteúdo da profecia helderiana ver: RAMPON, Ivanir Antonio. A profecia de Dom Helder: “Tudo o que Deus me confiou colocarei a serviço dos pobres”, p. 345-356 = RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*, p. 111-133.

⁸⁵ RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 76-79.

primeiro momento, ele investiu a força da sua mística num projeto eclesial de reconquista de espaços na sociedade brasileira, mas depois do XXXVI Congresso Eucarístico, através de um desafio lançado pelo Cardeal Gerlier, descobriu que Deus havia lhe enviado a “grande luz”: direcionar sua força mística a serviço da promoção da vida dos pobres.

Isto não significa que antes daquele “momento da virada” Helder esquecesse a caridade para com os pobres – aliás, ele era aspirante vicentino desde menino. Desde a infância, ele aprendeu que deveria ajudar os pobres e fez isto de modo excelente. O Cardeal Gerlier, no entanto, o desafiou a trocar de lugar social: ir até os pobres. Foi então que, aos poucos, descobriu que o Senhor Jesus não queria apenas que os ajudasse, mas que com eles buscasse a justiça. A mudança de comportamento em relação aos empobrecidos lhe custou incompreensões, críticas e difamações. Mas também contou com apoios de dimensão mundial.

A atuação de Dom Helder em prol dos pobres foi se qualificando ao longo de sua caminhada místico-espiritual. Da ajuda individual criou amplos programas assistenciais como a Cruzada de São Sebastião. Da “assistência” evoluiu para a “busca do desenvolvimento”. Percebendo os limites e incongruências deste, apostou na “conscientização” e na “libertação” dos pobres⁸⁶. Empenhou-se e viajou pelo mundo afora a fim de agregar forças para construir “um mundo sem senhores e sem escravos, um mundo de irmãos, de irmãos, de irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade...”⁸⁷.

Dom Helder foi um *místico* original que mergulhava a sua vida na Vida Divina da Santíssima Trindade e em unidade com Cristo. Cultivava a união mística, principalmente, através das Vigílias, da Santa Missa e da intimidade com Cristo expressa na ação pastoral. Geralmente, ele acordava às duas horas da manhã e permanecia em oração até às cinco. Neste momento, avaliava o dia anterior e planejava o futuro, conversando com Jesus, com Maria, com Anjos e com Santos e Santas; recitava a Liturgia das Horas, preparava homilias e conferências, escrevia meditações, cartas e circulares... Diante e unido a Jesus escrevia, dançava, chorava, brincava... Através da Vigília, contemplava as verdadeiras dimensões do mundo, tal como “os Anjos e Deus contemplam”. Às cinco horas, retornava a dormir e acordava às seis para a Santa Missa – momento que considerava o mais importante e alto de todo o seu dia. Durante a Missa, emocionava-se – às vezes sorria e outras até chorava – ao tocar o Corpo de Cristo que se faz Comunhão, Partilha, Alimento, Vida, Doação, Sacrifício...

Durante a jornada, geralmente, dedicava-se a atender e conversar com as pessoas (lideranças, religiosos, jornalistas... de muitos países). Estava sempre cercado pelos pobres, pelos excluídos. Nada fazia sem consultar o seu maior Amigo. Emprestava seus olhos, ouvidos, boca, coração a Jesus. Tinha consciência de que sua ação e sua palavra eram expressões da sua união mística com Cristo. Seu *relacionamento* pessoal e profundo com Jesus Vivo era expresso no calor do seu amor, na bondade do seu coração, na verdade de suas palavras, no alento dado à esperança e na beleza da sua prece.

Dom Helder era um místico *original* porque não seguia nenhum místico ou Escola de Espiritualidade e Mística – embora mantivesse afinidades espirituais com vários. A fonte principal de sua espiritualidade era a religiosidade popular, principalmente, a nordestino-cearense. Era devoto de Nossa Senhora, venerava o Sucessor de Pedro e adorava o Santíssimo Sacramento. Fazia parte de uma tradição religioso-popular que conta com nomes como o Pe. Cícero, o beato Lourenço, o Pe. Ibiapina, Dom Hélio Campos...

⁸⁶ Dom Helder dizia: “Abandonemos cada vez mais a expressão desenvolvimento, expressão que nos foi tão querida, que incendiou tantas esperanças no mundo, porém que se decompôs rapidamente até a prestar-se a inaceitáveis equívocos. A expressão desenvolvimento se decompôs rapidamente porque na primeira década de desenvolvimento os países ricos se viram mais ricos e os pobres se sentiram mais pobres. A expressão desenvolvimento se presta a equívocos inaceitáveis porque o ideal não é partir da situação de pobreza e miséria até uma sociedade de consumo, que cria no seio dos países ricos áreas de miséria, discriminação racial, situações infra-humanas. Adotamos cada vez mais, uma nova expressão, que seja nossa bandeira de luta pacífica, porém mais segura e válida. Pegamos com ambas as mãos a bandeira da libertação!” (CÂMARA, Hélder, Un pacto digno de coronar nuestra marcha. In: CÂMARA, Hélder. *Cristianismo, socialismo, capitalismo*, p. 91-92).

⁸⁷ CÂMARA, Helder. “Mariama”. In: CD, faixa 12.

Como tantos outros Místicos, Dom Helder usou a *linguagem poética* como forma de expressar sua experiência espiritual. Chamava seus poemas de “Meditações do Pe. José”. Alguns de seus poemas estão publicados em livros, mas a maioria ainda é inédita. Trata-se de um verdadeiro tesouro a desvendar... A beleza e o conteúdo dos *poemas místicos* do Pe. José provocam na *alma* uma vontade de romper distâncias criadas pelas incompreensões, indiferenças, desencantos, injustiças, ódios e guerras, e a criar pontes de diálogos entre os diversos mundos. Seus poemas são indicativos para trilhar uma santidade real, intensa, profunda, pastoral, renovada, profética, libertadora e mística⁸⁸.

A profecia foi em Dom Helder uma expressão – não a única – de sua experiência mística⁸⁹. De fato, sem a Vigília e a Santa Missa, ele não teria sido o Bispo das favelas no Rio de Janeiro, o Arcebispo do Nordeste miserável, o advogado do terceiro mundo, o apóstolo da não violência, a esperança de uma sociedade renovada segundo o ideal cristão, o poeta e o profeta de uma fé jovem e forte; não seria o dom da santidade, da justiça, da paz, do amor, da libertação... o Dom de Deus!

A profecia é, no entanto, a expressão mais conhecida da mística helderiana, tanto que parece – como disse Frei Aloísio Fragoso – quase uma redundância associar Dom Helder ao profetismo. Parodiando Tomás de Celano, o primeiro hagiógrafo de Francisco de Assis, Dom Helder não apenas profetizava, mas era a profecia feita homem⁹⁰.

3.5 UMA SANTIDADE LIBERTADORA

Se por santidade entendermos ser ingênuo, alienado, etéreo, intimista, masoquista, atrasado, a-histórico, retrógrado, conservador ... podemos afirmar, com toda a certeza, que Dom Helder não percorreu um caminho de santidade. Se santidade significa viver momentos de deserto, de recolhimento, de silêncio para fugir da realidade podemos dizer que Dom Helder não é um santo, embora tenha dedicado grande parte de sua vida à vigília, ao silêncio, à prece confiante. Se santidade é apenas ajudar alguns pobres, enfermos e necessitados, podemos dizer que, nesta acepção estamos aquém da santidade helderiana, embora ele tenha ajudado e promovido muitos de seus irmãos menores (Mt 25,31-40)...

Arriscando definir em uma palavra a sua santidade, principalmente após os anos 60, podemos dizer que é uma autêntica santidade libertadora. E ele entendia que a “bandeira da libertação” era “ampla, precisa e integral”:

Libertação do egoísmo e das consequências do egoísmo! Libertação das estruturas de escravidão! Libertação dos racismos! Libertação das guerras! Libertação da miséria, que é a pior, a mais hipócrita, a mais cruel de todas as guerras! Libertação das soluções médias, dos reformismos, do mero paternalismo! Libertação do medo e da falsa prudência! Libertação como aquela que realizou Moisés, conduzida pessoalmente por Deus! Libertação que ilumina com seu fulgor toda a história sagrada! Libertação do povo de Deus das escravidões dos Faraós! Libertação como a que realizou Jesus na cruz, para que não haja super-homens nem infra-homens, mas simplesmente homens, filhos do mesmo Pai, irmãos no sangue do redentor, conduzidos pelo Espírito de Deus! Firmemos, pois, nosso pacto de lutar pacificamente pela justiça e pelo amor, proclamando por três vezes: libertação, libertação, libertação!⁹¹

⁸⁸ RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 397-454.

⁸⁹ RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*, p. 111-133.

⁹⁰ FRAGOSO, Frei Aloísio. Introdução, p. 17. É preciso aprofundar mais como Dom Helder viveu a sua forte dimensão mística nos últimos anos da sua vida, durante o “silêncio” e a enfermidade. Há poucos escritos publicados sobre esta fase da sua vida.

⁹¹ CAMARA, Helder. Un pacto digno de coronar nuestra marcha. In: CÂMARA, Hélder. *Cristianismo, socialismo, capitalismo*, p. 91-92.

Dom Helder estimulava para que na oração pedíssemos a Cristo “a graça de unir-nos com todas as pessoas de boa vontade para lutar, de modo pacífico, mas corajoso, pela libertação dos oprimidos do mundo inteiro, ou melhor, pela libertação de Cristo, esmagado no íntimo dos sem-vez e sem-voz”⁹². Pois é “grave diante de Deus e diante da história, negar-se à reconstrução do mundo. (...) É preciso que o cristianismo nos inspire a mística de servir, de tal modo que, à medida que nos desenvolvamos, não nos tornemos egoístas e prepotentes”⁹³.

Dom Helder viveu profundamente sua vocação à santidade buscando a perfeição, a justiça, a paz e servindo os irmãos em união com Cristo. Buscou um mundo de irmãos. Não queria um primeiro, segundo, terceiro, quarto mundos, mas um mundo de irmãos de verdade e não só de palavras. Por isso, buscou uma sociedade justa e solidária. Comprometeu-se decididamente com a vivência de uma espiritualidade libertadora. Queria terra, teto e trabalho para os necessitados. Entendeu – como diz o Papa Francisco – que a solidariedade com os pobres é a base mesma do Evangelho⁹⁴ e, por isso, seu modo de viver a santidade questionava e questiona! Sua santidade foi empenhada na luta pacífica contra a escravidão, a opressão, a violência, a indiferença, o individualismo e a tortura. No dizer de Strider:

a maior dignidade do ser humano é a sua vocação para a santidade. Um mundo sem santidade seria um mundo sem sentido, um mundo vazio, angustiante. Mas a vocação para a santidade, faz com que os homens busquem a perfeição, a justiça, a paz, se ponham a serviço dos seus irmãos. A santidade exige a construção de sociedades justas, solidárias, e faz que o poder se torne serviço. Fora da santidade aparece a opressão, a escravidão, a desunião, a morte. A primeira preocupação da Igreja deve ser a busca da santidade⁹⁵.

PALAVRAS FINAIS: “PLANOS E COMPLÔS CELESTES”

Dom Helder foi um homem que rezava muito e agia muito. Ele vivia mergulhado na Vida Divina da Santíssima Trindade, unido a Cristo, e investiu a sua mística, principalmente depois de 1955, no compromisso sociopastoral em prol dos pobres e na busca de um mundo justo e solidário. Seu ideal de santidade foi profundamente ligado à paz, à justiça e ao amor. Seu modo de viver a santidade está de acordo com os apelos da *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*:

Às vezes, infelizmente, as ideologias levam-nos a dois erros nocivos. Por um lado, o erro dos cristãos que separam estas exigências do Evangelho do seu relacionamento pessoal com o Senhor, da união interior com Ele, da graça. Assim transforma-se o cristianismo numa espécie de ONG, privando-o daquela espiritualidade irradiante que, tão bem, viveram e manifestaram São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá e muitos outros. A estes grandes santos, nem a oração, nem o amor de Deus, nem a leitura do Evangelho diminuíram a paixão e a eficácia da sua dedicação ao próximo; antes pelo contrário... Mas é nocivo e ideológico também o erro das pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista; (...) Não podemos propor-nos um ideal de santidade que ignore a injustiça deste mundo, onde alguns festejam, gastam folgadoamente e reduzem a

⁹² CAMARA, Helder. O Pão da Vida e a subvida no mundo, p. 769-770.

⁹³ CAMARA, Helder. Tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife. In: CÂMARA, Helder. *Utopias peregrinas*, p. 21-22.

⁹⁴ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 58.

⁹⁵ STRIDER, Inácio. Apresentação, p. 13.

sua vida às novidades do consumo, ao mesmo tempo que outros se limitam a olhar de fora enquanto a sua vida passa e termina miseravelmente⁹⁶.

Dom Helder não apenas viveu santamente, mas continua nos iluminando nas trilhas da espiritualidade libertadora porque se doou, sublimemente, na ação profética, sacerdotal e pastoral, por amor a Cristo e a sua Igreja. Movido pelo Espírito Santo, ouviu a voz do Pai, adorando-o em espírito e verdade, e seguiu a Cristo pobre, humilde e crucificado-ressuscitado, progredindo no caminho da fé viva que acende a esperança e age por meio da caridade. Ele viveu a graça santificante na comunhão dos santos. Fez história da santidade operando progressos significativos no seu modo de compreendê-la e vivê-la. Sua santidade foi sendo cada vez mais mística, pastoral, *aggiornata*, profética e libertadora.

Terminada sua vida terrena, o Servo de Deus continua recebendo admiração, afeto, reconhecimento e orações, permanecendo, assim, vitalmente unido aos seus irmãos e irmãs ainda peregrinos e peregrinas no caminho de Jesus. Aliás, ele havia prometido que faria planos e complôs para nos ajudar:

Tenho planos para a eternidade. Movimentações muito sérias a acertar com os Anjos. *Complots* gravíssimos a combinar com Nossa Senhora. Com Ela no meio, que poderei temer? [...] Ninguém é mais Louco do que Deus. Ninguém anseia, como Ele, por propostas que correspondem ao que há de mais profundo em Sua essência de amor, misericórdia, bondade⁹⁷.

Atualmente, o Servo de Deus e dos Pobres deve estar vibrando com o testemunho profético do Papa Francisco e fazendo “negociações e complôs celestes” pelo *Papa das periferias*, em prol de uma Igreja pobre e servidora e de uma sociedade justa, fraterna, pacífica e ecológica. Seguramente, se ele estivesse aqui na Igreja peregrina, nos impulsionaria para ajudar o Papa Francisco na missão de espalhar a alegria do Evangelho, a cultura do encontro, a revolução da ternura, as obras de misericórdia, a alegria do amor nas famílias, o cuidado com a nossa casa comum, com os idosos e jovens... fazendo ressoar a chamada à santidade no contexto atual. Ele nos entusiasmaria e animaria a dar o melhor de nós “para crescer rumo àquele projeto, único e irrepetível, que Deus quis, desde toda a eternidade”⁹⁸.

REFERÊNCIAS

AMADO, Dom Joel Portella. Compromisso com a criação. *O Estadão*, 07/09/2019. Disponível em: https://opiniao.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,compromisso-com-a-criacao,70003_000428. Acesso em: 07 set. 2019.

BOURGEON, Roger. *Il profeta del Terzo Mondo (L'arcivescovo delle favelas)*. Milano: Massimo [Collana Testimoni del nostro tempo I], 1970.

BROUCKER, José de. *Helder Câmara. La violenza di un pacifico*. Roma: Saggi ed esperienze. Tipografia Città Nuova, 1970.

CÂMARA, Helder. *Quem não precisa de conversão?* São Paulo: Paulinas, 1987.

CÂMARA, Helder. Deus nos tempos de hoje e na vida de cada dia. In: CD CAMARA, Dom Helder. *Deus nos tempos de hoje e na vida de cada dia*. São Paulo: Paulinas-COMEP, faixa 1. [1981]. <https://doi.org/10.11606/t.8.2007.tde-20022008-105544>

⁹⁶ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 100-101.

⁹⁷ Circular 284 de 28/29.8.1965.

⁹⁸ FRANCISCO, *Gaudete et Exsultate*, 13.

- CÂMARA, Helder. *Le conversioni di um vescovo*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1979. [Original: *Lés conversions d'évêque*: Seuil, 1977].
- CÂMARA, Hélder. *O deserto é fértil*. (Roteiro para as Minorias Abraâmicas). 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CÂMARA, Helder. *Utopias peregrinas*. Recife: Universitária da UFPE, 1993.
- CÂMARA, Helder. A entrevista [proibida]. *Sedoc*, Petrópolis, v. 12, p. 706-718. 1979.
- CÂMARA, Hélder. *Chi sono io?* Assisi: Cittadella, 1979.
- CÂMARA, Helder. *Circulares Conciliares*, I – de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964, II – de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964, III – de 10/11 de setembro a 7/8 de dezembro de 1965. Obras Completas de Dom Helder. Recife: CEPE, 2009. <https://doi.org/10.3726/978-3-653-03610-7/6>
- CÂMARA, Helder. *Circulares Interconciliares*, I – de 11/12 de abril a 9/10 de setembro de 1964, II – de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965, III – de 18/19 de abril a 31 de agosto/1 de setembro de 1965. Obras Completas de Dom Helder. Recife: CEPE, 2009. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2018v56n47id14009>
- CÂMARA, Helder. *Circulares Pós-Conciliares*, I – de 9/10 de dezembro de 1965 a 30/31 de maio de 1966, II – 31 de maio/1º de junho a 26/27 de dezembro de 1966, III – de 31 de dezembro de 1966/1º de janeiro de 1967 a 29/30 de julho de 1967. Obras Completas de Dom Helder. Recife: CEPE, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123643>
- CÂMARA, Hélder. *Cristianismo, socialismo, capitalismo*. Salamanca: Sigueme, 1975.
- CÂMARA, Helder. Mariama. In: CD CÂMARA, Dom Helder. *Dom Helder o Pastor da Paz*. São Paulo: Paulinas-COMEP, faixa 12. [2008]. <https://doi.org/10.22215/etd/1978-00387>
- CÂMARA, Helder. *Nossa Senhora no meu caminho*. Meditações do Padre José. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005 [1. ed. 1981].
- CÂMARA, Helder. *O Evangelho com Dom Hélder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1993.
- CÂMARA, Helder. O Pão da Vida e a subvida no mundo. *Sedoc*, Petrópolis, v. 9, p. 769-770. 1977.
- CÂMARA, Helder. *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- CÂMARA, Helder. *Terzo Mondo defraudato*. Milano: PIME, 1970.
- CASTRO, Marcos de. *Dom Helder: misticismo e santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CAYUELA, José. *Hélder Câmara – Brasil: ¿um Vietnam católico?* Santiago de Chile; Buenos Aires; México; Madrid; Barcelona: Pomaire, 1969. <https://doi.org/10.5354/0719-3769.1970.18918>
- CIRANO, Marcos. *Os caminhos de Dom Helder: perseguições e censuras (1964-1980)*. Recife: Guararapes, 1983.
- COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.
- COMBLIN, José. Os Santos Pais da América Latina. *Concilium*, Petrópolis, n. 333, p. 619-630, maio 2009.
- COMISSÃO DA VERDADE DOM HELDER CÂMARA. *Prontuário de Dom Helder Câmara*. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DOMHEL&pasta=DOM%20HELDER%20C%-C3%82MARA>. Acesso em: 19 set. 2019. https://doi.org/10.1007/978-3-319-27078-4_195
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- FERRARINI, Sebastião Antonio. *A imprensa e o arcebispo Vermelho: 1964-1984*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FRAGOSO, Frei Aloísio. Introdução. In: CÂMARA, Helder. *Circulares Interconciliares*, II, Obras Completas de Dom Helder. Recife: CEPE, 2009.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Christus Vivit – aos Jovens e a todo o Povo de Deus*. Brasília: CNBB, 2019.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate – sobre a chamada à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- GONZÁLEZ, José. *Helder Câmara: il grido dei poveri*. Torino: Pauline, 1973.
- LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Athayde). *No limiar da Idade Nova*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã*. São Paulo: Nacional, 1945.
- MARQUES, L. C. L. “As circulares conciliares de Dom Helder”. In: CAMARA, H. *Vaticano II: Circulares Conciliares, I, XXXVII*. Recife: CEPE, 2009. (Obras Completas de Dom Helder).
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo, 1997.
- PIRES, José Maria. O todo-poderoso fez por mim grandes coisas. In: ROCHA, Zildo (org.). *Helder; o Dom*. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 15-19.
- RAMPON, Ivanir Antonio. A profecia de Dom Helder: “Tudo o que Deus me confiou colocarei a serviço dos pobres”. In: NODARI, Paulo César (org.). *Viver, amar e servir*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. p. 345-356.
- RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RAMPON, Ivanir Antonio. Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco da Igreja pelos pobres. *IHU*, São Leopoldo, 14/03/2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576883-canonizacao-de-paulo-vi-e-romero-e-a-sintonia-com-o-projeto-de-francisco-da-igreja-pelos-pobres-entrevista-com-ivanir-antonio-rampon>. Acesso em: 22 set. 2019. <https://doi.org/10.19176/rct.v0i3.14096>
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez d. *A JUC: Os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- STRIDER, Inácio. “Apresentação”. VIII JORNADA TEOLÓGICA DOM HELDER CÂMARA: “FIDELIDADE À ESPIRITUALIDADE DE JESUS: COMPROMISSO COM A JUSTIÇA E A PAZ”. Recife: Dom Bosco, 22 a 26 de agosto de 2005. p. 11-14.
- VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madrid: Trotta, 1999.

Recebido: 02/10/2019

Aceito: 05/11/2019

Publicado: 29/12/2019

Endereço:

Pe. Ivanir Antonio Rampon

Itepa Faculdades, Rua Senador Pinheiro, 350, Vila Rodrigues, Passo Fundo, RS, Brasil.

CEP: 99070-220